



FORMAÇÃO  
**AS 12 CAMADAS  
DA PERSONALIDADE**



Prof. Rafael de Abreu

---

7ª CAMADA

# 7<sup>a</sup> camada

“ Assumir o papel social é ordenar a interação com as outras pessoas...  
Aqui começa a vida adulta”

# A motivação da 7<sup>a</sup> camada

A camada 7 é o fechamento de um ciclo. Da camada 1 a 4, estamos falando das possibilidades do eu. Na 5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup>, tratamos da ação do eu no mundo imanente. Nas próximas, o assunto é o transcendente. Então há uma linha que divide o itinerário percorrido da 1 a 7 e da 8 a 12.

Como a faculdade que está na dianteira da 7<sup>a</sup> camada é o apetite irascível, alguma coisa já sinaliza para cima, para o mundo transcendente. O apetite irascível nos inclina aos bens árduos, àqueles de difícil aquisição justamente por não mais fazerem parte do mundo imanente.



O sujeito que na 6<sup>a</sup> camada se tornou capaz de produzir bens agora repara na estabilidade que a ação dele acarreta na comunidade que desfruta desses bens. Por isso ele passa a se dedicar à aquisição dos meios mais adequados para que, nas suas ações, a comunidade possa se favorecer sempre mais.

Esse movimento já é um primeiro toque no mundo transcendente. Não estamos mais falando só de bens materiais, mas de uma estabilidade gerada por meio da ação. Isso é um apontar para o alto.

Por isso essa é a camada do papel social. A produção de um bem gera um efeito na comunidade, e a própria comunidade conta com esses bens para seguir estável. Ao agir em nome da estabilidade da comunidade, o sujeito está cumprindo seu papel social na motivação da 7<sup>a</sup> camada.



A camada 7 é marcada por uma tensão entre os apetites concupiscível e o irascível. De um lado, os bens gerados estão relacionados ao apetite concupiscível. De outro, o foco do resultado da presença desses bens é a estabilidade na comunidade, o que indica a transcendência que o apetite irascível começa a fazer o sujeito enxergar.

## **A crise do papel social é uma crise da vida adulta**

O relativismo foi tão longe que hoje as pessoas questionam por que, sendo pais, elas devem agir como pais. Nada de bom pode sair de uma postura como esta, tão contrária ao normal da vida, normal este praticado sem questionamentos por



todas as gerações anteriores às últimas uma ou duas.

Essa postura implica um problema que se encontra no centro da camada 7. Por estarmos tratando do efeito da ação da pessoa na comunidade - da estabilização da comunidade em relação a certo ponto específico -, a questão aqui é, sem erro, o papel social. Por meio do papel social bem desempenhado, o indivíduo chega à vida adulta de fato.

É a ideia de dever e de liberdade que fundamenta a ação correta de 7<sup>a</sup> camada. Não é mais para provar alguma coisa para alguém ou para ter um retorno financeiro que o sujeito age. Ele sabe da importância do que ele faz para o ordenamento social e o faz livremente, só pelo dever de realizar algo que somente ele pode realizar.

Sem isso, não há vida adulta. Ninguém pode se considerar adulto se não se

impõe livremente o cumprimento do dever.

## O teórico do papel social

Um autor que nos ajuda demais a entender a realidade do papel social é o psicólogo austríaco Alfred Adler. Na sua Psicologia Individual, ele apresenta a ideia de que temos um interesse social, e isso contribui com o desenvolvimento da nossa formação pessoal.

Dois pares de conceitos importantíssimos na sua abordagem são os sentimentos de inferioridade e de superioridade e os complexos de inferioridade e de superioridade.

Os dois primeiros são realidades positivas, pois nos levam a cumprir o nosso papel. O sentimento de



inferioridade é a percepção de que somos incapazes de realizar certa tarefa, mas que nos impele a obter as capacidades necessárias. Já o sentimento de superioridade é o desejo por completude e perfeição.

Os problemas começam no complexo de inferioridade, que é uma maneira neurótica de lidar com a incapacidade ou insuficiência. O sujeito compensa isso no complexo de superioridade: uma compensação neurótica do complexo de inferioridade. Vemos nesses dois complexos um obstáculo para se assumir livremente o papel social.

## Reino da indiferença

A indiferença hoje é meio o ar que as pessoas respiram. Mas Adler aponta que possuímos um senso de solidariedade,



sem sentimentalismo. Por isso, é preciso dar vazão a esse senso: se as pessoas sofrem, devemos nos compadecer desse sofrimento.

No entanto, embora essa inclinação seja natural, precisamos exercitá-la. Do contrário, aquilo morre ou fica escondido. Se agimos o tempo todo de modo indiferente, mais cedo ou mais tarde não sentiremos misericórdia nenhuma por ninguém.

O senso de solidariedade somado à ideia do papel social resulta num movimento misericordioso. Se há algo que só eu posso fazer pela comunidade, de certa maneira, apenas por cumprir meu papel, estou sendo misericordioso. Fica delineada aí a ideia do bem comum, porque se tenho um papel social, tenho um amor ao bem comum.



O meu papel social não é só meu: é meu e do próximo. Não o perco quando o exerço, antes o contrário.

A dinâmica que Adler traz de interesse social é muito profunda. Há um elemento de beleza imaterial nisso, que nos remete, em algum grau, para cima. Para Adler, o interesse social realmente acontece quando a luta pela superioridade torna-se socializada.

Não no campo da soberba, mas precisamos ser superiores: bem entendido, dentro da esfera socializada, dentro do bem comum. Na camada 7, o dever e o amor são uma mesma coisa. Fazer aquilo que você deve fazer é o primeiro passo em direção ao amor.

Outro ponto importante que Adler coloca é o senso comum. Ele consiste na expectativa que as pessoas têm de você. Se você é pai, o seu entorno espera que



você se comporte como pai. Por isso, para Adler, toda a cobrança lançada em cima de nós nunca é entendida com pessimismo.

## Desordem social por meio da ira

No esforço de conquistar um bem árduo, o sujeito pode se atrapalhar e acabar imprimindo uma força que, em vez de fazê-lo subir, enterra-o ainda mais. É o caso da pessoa que, querendo a justiça, age implacavelmente de maneira injusta, deixando-se levar, assim, pela ira.

Um ato bom precisa de uma finalidade boa, de um meio bom e de um resultado bom. Se a justiça estiver revestida de vingança, a finalidade já estará corrompida, fazendo com que o ato concreto não seja bom no final.



Do mesmo modo, um meio ruim – por exemplo, tirar uma vida para ter de volta uma bicicleta – não configura um ato final bom. Em qualquer um desses casos, a ação foi desordenada por obra da ira.

## 7<sup>a</sup> camada e o encontro com a esperança

Como a faculdade em questão é o apetite irascível, deparamo-nos com a necessidade da esperança. A procura aqui é por um bem de difícil conquista, que se encontra lá na frente, no futuro, então é sempre a esperança que nos move adiante.

Obviamente, esse futuro não nos desconecta do presente, muito pelo contrário. Continuamos no desempenho do papel social, tornando o que está



em nós um bem para a comunidade. Na verdade, sonhar com o futuro sem essa conexão com o que já está sendo feito hoje é uma fórmula de sofrimento, que acaba caindo no complexo de inferioridade e tudo o mais.

A esperança de melhorar naquilo que é o seu serviço prestado ao próximo é a relação correta com o futuro. Essa é a superação verdadeira: aquela que se projeta num auto melhoramento, não numa disputa sem sentido com o outro. É o amor aliado à esperança naquilo que só você pode fazer que lhe faz viver apropriadamente a 7<sup>a</sup> camada e lhe prepara a próxima.





---

FORMAÇÃO

# AS 12 CAMADAS DA PERSONALIDADE